O ENSINO DE LITERATURA AFRICANA EM LÍNGUA PORTUGUESA E SUAS PERSPECTIVAS

Cristiane da Silva Umbelino (UNB)[1]
Danglei de Castro Pereira (UNB)[2]

Resumo: O estudo tem o objetivo de discutir aspectos teóricos/metodológicos relacionados ao ensino de literaturas africanas em língua portuguesa. Centraremos nossa abordagem na legislação destinada ao ensino de literaturas em língua portuguesa nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB), entre outras e na Lei 10.639/03, alterada pela Lei 11.645/08, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio.

Palavras-chave: Literatura africana; Ensino; Lei 10.639.

Ensino de literatura, literatura e ensino, literatura enquanto transversalidade, leitura obrigatória, são todas questões pertinentes e intrínsecas, uma vez que a culminância das pesquisas e/ou estudos ligados a estes temas, é de fato a preocupação em propagar e sustentar a ideia de que a literatura deve ter seu espaço definido dentro da escola. E a literatura africana em língua portuguesa, deve fazer parte destes entrelaçamentos, pois seu valor cultural é de grande importância na formação do leitor.

Ensinar a literatura africana em língua portuguesa ou a propor na sala de aula, é considerar formas de vivência e prática diante do texto literário e de todas as suas variáveis. É a realização do ato da leitura propriamente dita. É sobre partir do enfrentamento do mesmo, buscando as possíveis abstrações que estão ali apresentadas. Talvez, para alguns, isso não seja considerado propriamente um ensino, e para evitar esse tipo de conotação, devemos concretizar mais ação, do que apenas termos e/ou nomenclaturas, para que seja possível uma reflexão em todos os níveis.

O próprio conceito de literatura é difícil de discutir e entra nessa esfera. A discussão sobre conceito e definição sempre aconteceu e sempre estará aberta, uma vez que tentar precisar, talvez a tornaria mais hermética e fugiria as tantas possibilidades de

[1] Graduado em Letras (UEMS), Mestre em Literatura (UEMS), Doutoranda em Literatura (UNB)
Contato: cristiane.umbelino@hotmail.com
[2]Pós Doutor em Literatura (USP), Doutor em Literatura (UNESP), Mestre em Literatura (UNESP).
Contato: danglei@terral.com.br

reflexão que a mesma traz em si. Porém, conceituá-la é uma necessidade, não que seja uma tarefa fácil, pois ao realizar esse tipo de análise, haverá por sua vez o posicionamento do sujeito crítico, o que acarretará uma série de diferenças e antagonismos.

Porém é preciso compreender que que as definições ou conceitos do que é literatura e principalmente ao que diz respeito ao seu ensino, por si só, não são suficientes para dar conta dos sujeitos contemporâneos, inseridos na sociedade atual, e que buscam a compreensão da infinidade de informações que são recebidas, a todo momento. Desta forma, é crucial que a literatura, não apenas as de africanas de expressão portuguesa, aconteça na escola, urgente e repetida, para que venha ao encontro dessas aspirações.

Pensando que o aluno venha pronto de casa, leitor formado e em ascensão, conhecedor de contos, romances, poesias, HQs. Capaz de discutir e levantar questões que girem em torno da leitura realizada. Ou ainda em iniciação, conseguindo replicar uma fábula, um conto de fadas, que ouviu. Pesando nesse sujeito, talvez a discussão aqui seria outra, porém precisamos também, pensar naquele que não teve acesso a nenhum tipo de literatura, e a escola, obrigatoriamente será o lugar para esse encontro.

Para Rocco (1999), a escola é o ambiente no qual a leitura pode e deve ser exercitada e organizada. Enquanto uma instituição formal deve proporcionar práticas ligadas à ampliação do universo cultural do aluno, bem como às aprendizagens de diferentes campos do saber. Nesse sentido, todos os textos que circulam na sociedade necessitam também estar presentes na escola. E a literatura africana deve ser apresentada, para que não fique a margem, perante outras consideradas de maior valor.

Sendo a escola o ponto de partida, há então que se criar meios para o exercício da leitura, e estes devem englobar a maior quantidade possível de subsídios para que, de fato a prática da leitura se concretize. Para isso, deve-se organizar um ambiente de leitura, onde os protagonistas sejam o texto e o leitor. Preocupações com logística, espaço, tempo, devem ser secundárias. É preciso focalizar o texto literário, este sim pode e deve chegar de várias formas, por meio do livro, da revista, do jornal, das plataformas e aparelhos digitais disponíveis, dentre outros.

Outro fator a ser considerado, é a participação efetiva da gestão escolar perante os alunos, professores e comunidade. Ações e projetos que incentivem e apoiem o

exercício da leitura, devem fazer parte do calendário escolar. E a junção desses três grupos é primordial no acolhimento dessas ações. Uma vez que a escola, seja a promotora em organizar intervenções, onde o aluno visualize a importância da prática literária, onde o professor receba material de apoio para tal e a comunidade seja conscientizada, o resultado será positivo.

No que tange a literatura africana de língua portuguesa, é válido salientar, que a escola não a trate apenas sob um viés de raça e etnia. E sim, que além desses fatores que já lhe são intrínsecos, o texto precisa ser discutido. A estética e a literariedade do mesmo, devem ser consideradas, não ficando na esfera de ações da escola que visem somente questões relacionadas ao racismo, ao dia da consciência negra, entre outros. É necessário, uma junção desses elementos, porém o texto, deve sempre prevalecer.

É importante ressaltar, que essas práticas de leitura precisam ser sistematizadas. Regina Zilbermam fala da importância do papel da escola perante a essas questões, destacando o fato de se tratar a literatura, além de apenas uma tradição, ou decodificação de dados:

> O exercício dessa função [...] é delegado à escola, cuja competência precisa tornar-se mais abrangente, ultrapassando a tarefa usual de transmissão de um saber socialmente reconhecido e herdado do passado. Eis porque se amalgamam os problemas relativos à educação, introdução à leitura, com sua conseqüente valorização, e ensino da literatura, concentrando-se todos na escola, local de formação do público leitor (ZILBERMAN, 1991, p.16).

Desta forma, é preciso compreender que um dos caminhos para atingir o aluno, e que o leve ao direcionamento da literatura, é o enfrentamento do texto, e enfrentar aqui, significa leitura propriamente dita, o leitor e o texto, sem amarras ideológicas, sem arestas, sem preocupações com o clássico e o marginal. A princípio o texto precisa ir ao encontro do sujeito, para que este venha a ser um leitor.

E quem será o leitor da literatura africana em língua portuguesa? Todos, pois a experiência da leitura de vários escritores africanos, possa significar a reaproximação dos estudantes com as culturas desses continentes, de maneira rica e produtiva, passando por uma fronteira entre os domínios da história e da literatura. A obra literária deve ser autônoma, e não precisa ser reduzida ao um único reflexo da realidade, apesar de sua construção acontecer a partir da tensão com o real.

Desta maneira, entendemos que é possível uma aprendizagem sobre cultura e história, pelos caminhos das narrativas literárias, e que isso se dá tanto pela experiência de vida, como pelo aspecto temático ou histórico. Assim, a leitura do texto, pode ser focalizada nos meios capazes de alcançar o âmbito do simbólico e do imaginário, no viés da linguagem, pois para que essa ação tenha sucesso, estes itens são fulcrais.

E este simbólico e imaginário, de certa forma, ainda está em falta, dentro do trabalho de ensino de literatura nas escolas. Tais instrumentos têm faltado, de modo geral, nas escolas brasileiras. O que ocorre, é a predominância de um ensino de períodos históricos e em características de época, deixando em segundo plano, a especificidade da construção artística dos autores e obras. Desta forma, muitas vezes, não há uma preocupação com o literário, ocorrendo uma difusão das obras por época e local.

Sob esse viés, o ensino de literaturas africanas na escola, deve acontecer, primeiro na discussão dos seus aspectos teóricos/metodológicos, focalizando na legislação destinada ao ensino dessa literatura. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB), entre outras e na Lei 10.639/03, alterada pela Lei 11.645/08, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio.

Num segundo momento, deve se pensar em promover a democratização do saber e a diversidade na abordagem dos gêneros discursivos em ambiente escolar, entendidos como heterogêneos. Ao interagir com os diferentes gêneros textuais/discursivos, o escrevente incorpora as modalidades organizacionais da linguagem e constrói o emaranhado de manifestações discursivas identificáveis na tradição da Língua Portuguesa (LP).

Concomitante a essas ações, é necessário um enfoque sobre a discussão de como a literatura africana em língua portuguesa é tratada em textos, direcionadores do fazer pedagógico associado ao ensino de literaturas, ara verificação e discussão de um possível silêncio relacionado a essa cultura. Nossa hipótese é a de que a literatura em língua portuguesa produzida na África não é abordada na Educação Básica, para além de questões étnicas, o que prejudica a valorização cultural via literariedade dos textos.

Para pensar a literatura como fonte de expressão cultural, vamos tentar focalizar a situação do ensino de literatura em língua portuguesa em um desdobramento

com a situação dos textos ligados ao ensino de literatura brasileira para uma melhor compreensão do tema. E assim realizarmos algumas reflexões para possibilitar esse entendimento para que se encaminhe o leitor na construção do seu universo literário. Recorremos a João Alexandre Barbosa:

> Situado entre a leitura e a crítica, o ensino de literatura, é proposto, por um lado, como decorrência da (leitura) e por outro, como encontrando seu prolongamento na crítica. Desse modo a qualificação, quer de leitura, quer de crítica, é instrumento essencial para que se possa pensar o ensino de literatura. (BARBOSA, 1996, p.59)

Nunca se discutiu tanto sobre o ensino de literatura e quais caminhos ele deve seguir. No meio desse processo, desse prolongamento citado por Barbosa, entra também toda a questão cultural que está de certa maneira caminhando e evoluindo junto com a questão do ensino de literatura. Uma vez que uma, necessita da outra, em alguns aspectos, para que se consiga estabelecer um tipo de eixo, um tipo de ligação que permaneça e sirva de apoio e base para as reflexões sobre o tema.

Quando se abre uma discussão sobre cultura e literatura, já fica sinalizado que a cultura será entendida como um saber coletivo em que os indivíduos definem cada um a sua realidade, no meio em qual estão inseridos e essa situação reflete-se de forma potencializada nos diálogos com uma dimensão igualmente complexa que é a literatura. E para ilustrar essa ideia de uma possível complexidade da literatura, segue outro trecho de João Alexandre Barbosa:

> (...)o leitor interage vivamente com o texto, na medida em que não apenas lê decifrando, mas desconstrói o cifrado pelo movimento da releitura. A leitura termina por exigir do leitor não apenas a experiência do texto em que está sendo lido, mas uma convivência com a própria linguagem para que se possa avaliar o trabalho realizado pelo autor do texto. (BARBOSA, 1996, p.59)

Se fizermos a pergunta de por que relemos certas obras, talvez uma das respostas, seria a de que elas sempre terão novos elementos a serem discutidos, mesmo permanecendo com seu núcleo sem alterações. Existirão novas leituras, novos entendimentos, alguns acréscimos, mas ela sempre oferecerá uma novidade marcada pela sua época de origem. Barobosa (1996) exemplifica brilhantemente essa ideia:

> Cada século teve o *seu* Dante, o *seu* Shakespeare, o *seu* Cervantes, sem que, entretanto, sejam autores inteiramente diferentes daqueles que foram lidos e apreciados por seus públicos imediatos. São obras que atravessam épocas...e estabelecem um grau de valor com

> referência a leitura ou a releitura que delas venham a ser feitas. Nesse sentido essa leitura, é quase sempre uma releitura daquilo que significa a literatura, para o presente em que se situa o leitor. (BARBOSA, 1996, p.61)

A constante releitura da tradição, concordando com Barbosa (1996) indica um caminho remissivo na leitura da tradição. Cada nova leitura é uma ampliação da leitura anterior e justifica a valorização de obras literárias como simulacro de aspectos culturais relacionados a um determinado recorte histórico, reavaliados e atualizados pelo leitor em seu presente histórico.

Este aspecto é importante, retomada de novas obras em leituras constantemente revistadas, para compreender a importância de apresentar novos textos a leitores em formação e, no caso de nossa investigação, compreende o esforço de apresentar textos da tradição em Língua Portuguesa na África como aspecto importante no diálogo intercultural na perspectiva lusófona.

A ideia da obra literária como espaço de transmissão de valores culturais ganha força na linha argumentativa que propomos para este estudo. Ao compreendermos cultura, na aresta de Todorov (1998), ou seja, como transmissão de valores ligados a uma determinada formação social de maneira a estabelecer elos de influência e diálogos entre diferentes camadas da sociedade ao longo do tempo de forma a percebermos a progressão e transmissão desses valores de geração em geração, somos impelidos a compreender que uma vez matizados em formações artísticas os valores culturais encontram na arte, não só na arte literária, mas na arte em um sentido mais amplo; um espaço producente para a ampliação do conhecimento de mundo e a perpetuação de traços de cultura.

É nesse sentido, fator de construção e transmissão de valores culturais, que a literatura, aqui a literatura em Língua Portuguesa produzida na África, é um caminho importante para que leitores em formação no Brasil consigam dialogar com valores culturais africanos e, com isso, ampliar seu espaço de formação cultural; traço que julgamos importante ao pensarmos no ensino de Literatura africana de expressão de Língua Portuguesa.

Lembrando sempre da obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira na Educação Básica e adoção de ações afirmativas e de medidas de

discriminação, não deixamos de lado em momento algum, as questões de raça e etnia, fator primordial de discussões que destaca - se no parecer e no Projeto de Resolução do Conselho Nacional de Educação, o reconhecimento e valorização da história, cultura e identidade dos afro-brasileiros, o reconhecimento do racismo e todos os tipos de discriminações praticadas que atingem os negros, com o ensino de História e cultura Afro- Brasileira e Africana nas instituições de ensino que compõe o escopo desta investigação.

Se a língua é viva, a literatura é vida, e não há barreiras ou limites que a impeça de ser lida e construída a partir do surgimento da tensão com a realidade. Aprender a língua e a história de um povo, através da literatura sempre aconteceu e deve continuar de maneira a aproximar culturas, através das experiências que um escritor consegue deixar em seus textos, e isso torna-se de grande importância na formação de um leitor.

Vale ressaltar que estamos unidos ao continente africano, por razões históricas, porém uma série de fatores, os quais podemos citar principalmente a política e a economia, rebaixaram a sua importância, e urge uma necessidade enorme de retomar esses laços, como peça fundamental em um processo de conhecimento de um "eu brasileiro", que também busca suas raízes, e a literatura é um excelente caminho para esse encontro.

Contudo, não devemos moralizar o literário, no âmbito de apenas historicisar as questões africanas, somente pelo viés de raça e etnia, mas buscar dentro da literatura marcas, e registros de uma história que seja problematizada, e não inserida apenas como contexto histórico.

Referências :

BARBOSA, João Alexandre. *Leitura, ensino e crítica da literatura*. In: BARBOSA, João Alexandre. A biblioteca imaginária. São Paulo: Ateliê Editorial, 1996, p. 59-75.

CHAVES, Rita de Cássia Natal. *Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

CHAVES, Rita et al**.** Boaventura Cardoso**:** *a escrita em processo. Luanda: União dos Escritores Angolanos*; São Paulo: Alameda, 2005. p. 89-107.

CANDIDO, Antonio. *Direitos humanos e literatura*. In.: FESTER, A. C. Ribeiro e outros. Direitos humanos e... . São Paulo: Brasiliense, 1989.

COSTA ANDRADE, Fernando da. *Literatura angolana (opiniões)*. Lisboa: Edições 70, 1980.

COSTA, José Francisco. Poesia africana de língua portuguesa. Cronópios, *Literatura e Arte no Plural*, São Paulo: Bitnick Comunicação Online Ltda, 5/4/2006. Disponível em: <http//www.cronopios.com.br/site/ensaios>. Acesso em: 05 abr. 2011.

ROCCO, Gaetana Maria Jovino Di. *Educação de Jovens e Adultos.* São Paulo: Loyola, 1979.

SOARES, Magda Becker. *Letramento: um tema em três gêneros.* 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

TODOROV, T. *Introdução à literatura fantástica*. 3. ed. Tradução de Maria Clara Correa Castello.São Paulo: Perspectiva, 200

VIEIRA, José Luandino. *O livro dos rios***.** Luanda: Nzila, 2006.

ZILBERMAN, Regina (org.). *A Produção Cultural para a Criança***.** Novas Perspectivas 3. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.

ZILBERMAN, Regina (org.). *Leitura em Crise na Escola***:** *as Alternativas do Professor*. Novas Perspectivas 1. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.